

Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva,
Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido, Rui Matos
e Rui Santos (orgs.)

Vivência(s), Convivência(s) e Sobrevivência(s) em tempo de COVID-19

Mediação Intercultural
e Intervenção Social



**VIVÊNCIA(S), CONVIVÊNCIA(S)
E SOBREVIVÊNCIA(S)
EM TEMPOS DE COVID-19:
Mediação Intercultural
e Intervenção Social**

**Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva,
Ana Maria Vieira, Cristóvão Margarido, Rui Matos
e Rui Santos**

(Orgs.)

 Edições
Afrontamento

Título: Vivência(s), Convivência(s) e Sobrevivência(s) em Tempos de COVID-19.
Mediação Intercultural e Intervenção Social

Organizadores: Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira,
Cristóvão Margarido, Rui Matos e Rui Santos

Revisão: Ana Arqueiro

© 2022, Organizadores e Edições Afrontamento

Capa: Edições Afrontamento / Departamento gráfico

Edição: Edições Afrontamento, Lda

Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto

www.edicoesafrontamento.pt/comercial@edicoesafrontamento.pt

ISBN: 978-972-36-1957-7

Colecção: Textos/184

Depósito legal: 504954/22

N.º edição: 2152

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
Comercial@companhiadasartes.pt

Setembro de 2022

Este livro foi objeto de avaliação científica.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.



Centro Interdisciplinar
de Ciências Sociais
CICS.NOVA.ULISBOA



escola superior de educação
em ciências sociais
Instituto Politécnico de Leiria



FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



Associação
Nacional de
Genótipos
Sociais



escola superior de saúde
Instituto Politécnico de Leiria



POLITÉCNICO
DE LEIRIA



eHealthCare
CENTER FOR INNOVATIVE
CARE IN HEALTH TECHNOLOGY



Jornal
Instituto de Apoio à
Tecnologia e à Inovação

Índice

O COVID-19 como Fenómeno Social Total: uma introdução , Ricardo Vieira, José Carlos Marques, Pedro Silva, Ana Maria Vieira, Cristovão Margarido, Rui Matos e Rui Santos	7
CAPÍTULO 1 Pensar global, agir local em contexto de sindemia: o caso do Instituto Politécnico de Leiria , José Carlos Rodrigues Gomes	15
CAPÍTULO 2 Reinventar o SNS em contexto de pandemia – vivências com responsabilidade de coordenação nos Cuidados de Saúde Primários , Marco das Neves	23
CAPÍTULO 3 Periferias e proximidades em tempos de COVID: espaço(s), corpo(s), quotidiano(s) e máquinas , Ana Piedade	29
CAPÍTULO 4 Pierre Tap e a intemporalidade intelectual: reflexões sobre a pandemia de COVID-19 , Pierre Tap e Rui Santos	41
CAPÍTULO 5 Notas sobre algumas reflexões em tempos pandêmicos , Écio António Portes	51
CAPÍTULO 6 Práticas digitais e mediação em contexto de pandemia: um estudo de caso numa escola , Ana Carla Ferreira e Pedro Silva	57

de COVID-19.

, Ana Maria Vieira,

amento.pt

da Feira

Γ – Fundação para a Ciência e a
S.NOVA – Centro Interdisciplinar

ieqv Centro de
Investigação em
Qualidade de Vida **FCT** Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

RES **MI** MI **Jornal** Jornal de Leiria

CAPÍTULO 7	
Confinamento e ensino à distância – impacto emocional nos professores, Ana Salomé de Jesus, Ricardo Pocinho, Cristovão Margarido e Eva María Torrecilla Sánchez.....	77
CAPÍTULO 8	
Aprender, sentir e ser durante a pandemia, Eliana Vieira	91
CAPÍTULO 9	
Etnobiografia de um estudante Erasmus em tempos de pandemia COVID-19, Ana Maria Vieira	99
CAPÍTULO 10	
O idoso institucionalizado e as respostas à COVID-19, Isabel Ferreira, Lúisa Carvalho e Sandra Fernandes	109
CAPÍTULO 11	
Não te molhes, vê se não apanhas o vírus... Depois quem trata de mim?, Ricardo Vieira	121
CAPÍTULO 12	
As percepções das relações de trabalho no contexto da pandemia em um serviço de reabilitação de pessoas com deficiência, Karla Dias Tomazella, Ana Paula Ribeiro Hirakawa, Tamires Santana dos Reis e Amanda da Conceição Teodósio.....	129
CAPÍTULO 13	
O impacto da pandemia do COVID-19 na prática do futebol no âmbito dos clubes da AF Leiria: medidas para a retoma da atividade, Manuel Mendes Nunes.....	137
CAPÍTULO 14	
Pandemia, teletrabalho subordinado e a revisão do Código de Trabalho, Mário Simões Barata e António Luís Bentes de Oliveira.....	145
CAPÍTULO 15	
(Con)vivências e sobrevivências: o humor nos <i>media</i> sociais em contexto de pandemia – contributos para uma abordagem sociológica, Marcos Olímpio Santos e Maria da Saudade Baltazar	157
Sobre os Autores	175
Sobre os Organizadores	183

ional nos professores, lo e Eva María Torrecilla	77
ieira	91
s de pandemia	99
19, Isabel Ferreira,	109
quem trata de mim?	121
da pandemia em um Carla Dias Tomazella, manda da Conceição	129
futebol no âmbito atividade,	137
Código de Trabalho,	145
s sociais em contexto ciológica,	157
	175
	183

O COVID-19 como Fenómeno Social Total: uma introdução

Ricardo Vieira
José Carlos Marques
Pedro Silva
Ana Maria Vieira
Cristóvão Margarido
Rui Matos
Rui Santos

A 9.^a Conferência Internacional de Mediação Intercultural e Intervenção Social, realizada *online*, nos dias 26 e 27 de novembro de 2021, teve por tema «Vivência(s), Convivência(s) e Sobrevivência(s) em Contexto de Pandemia: Relatos e Experiências». O vírus SARS-CoV-2, que origina a doença da COVID-19, chegou à Europa no início do ano 2020 e abalou todos os países, mesmo os que se consideravam mais preparados do ponto de vista médico-sanitário. Neste contexto, tornou-se inevitável pensar esta pandemia na Conferência Internacional anual de Mediação Intercultural e Intervenção Social.

A Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) e o CICS.NOVA.IPLeiria convidaram mediadores interculturais, professores, profissionais da saúde, educadores, investigadores, cientistas sociais, da educação, da saúde e do desporto, educadores sociais, assistentes sociais, animadores e outros interventores sociais a debater *Vivência(s), Convivência(s) e Sobrevivência(s) em Contexto de Pandemia: Relatos e Experiências*.

O novo coronavírus, designado SARS-CoV-2, foi identificado pela primeira vez na China, em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan. Este novo agente, que nunca tinha sido identificado em seres humanos, rapidamente atravessa fronteiras físicas e sociais e se instala em todos os territórios, povos e nações. À medida que os diferentes países vão sendo afetados pela doença sucedem-se os confinamentos, de forma a evitar os contactos físicos e, conseqüentemente, a disseminação do vírus e seu crescimento exponencial.

Ainda que o avanço tecnológico e as novas tecnologias possibilitem novas e rápidas formas de comunicação, não permitiram recuperar o toque, o abraço, o beijo, o calor humano, fundamentais às sociabilidades e à qualidade de vida subjetiva. A modernidade foi de novo abalada e as formas de comunicação tecnologi-

camente avançadas permitiram a comunicação virtual, mantendo algumas interações, quer em termos laborais, quer em termos pessoais e sociais, obrigando, contudo, à manutenção de distanciamento físico entre as pessoas e ao confinamento pessoal, grupal, familiar e social.

Foi necessário reinventar formas de trabalho, de interação, de intervenção. As necessidades de combate a um novo inimigo invisível estimularam a ciência e a indústria a produzir, em tempo recorde, máscaras, gel desinfetante, zaragatoas, testes, vestuário adequado para os profissionais de saúde, elementos até aqui inabituais e que passaram a ser quotidianos nos mais diversos espaços, públicos e privados. A ciência médica colocou, também em tempo recorde, à disposição dos vários governos vacinas que geraram quer procuras massivas, quer comportamentos negacionistas de pessoas que, ou rejeitaram a vacinação, ou continuaram a negar a existência desta pandemia.

Reinventaram-se novas formas de convivência, de socialização e de mediação para uma sociedade que está, afinal, em permanente mudança, face ao risco que o mundo global expõe e oferece aos humanos. Os contextos da pandemia COVID-19 alteraram vivências que se traduziram em novas formas de convivência(s) e que, no limite, e muitas vezes, implicaram estratégias de sobrevivência(s), como veremos nesta publicação.

A problemática da COVID-19 remete, pois, para um fenómeno que a todos toca, um Fenómeno Social Total, como nos ensinou Marcel Mauss (1968), uma vez que atravessa e abala toda a sociedade e que impactou sobre o quotidiano de todos. A pandemia que atravessamos, a do contágio devido ao SARS-CoV-2, que provoca o COVID-19 e suas múltiplas implicações médico-sociais, não é apenas uma questão de saúde. Ela tem impactos sociais globais, o que significa que atinge todas as áreas do social e não apenas a dimensão biomédica, mas também as dimensões políticas, económicas, psicológicas, antropológicas, sociológicas, educacionais, dos direitos humanos, e toda a intervenção social. Ouvir e conhecer experiências dos mais variados campos da sociedade sobre os modos como vive(ra)m, convive(ra)m e muitos sobrevive(ra)m é fundamental enquanto partilha de conhecimentos.

Esta problemática – biológica, social, económica, psíquica (por isso global, como dissemos) – remete, em parte, para os medos sociais de que fala Georges Duby (1997). Na transição do milénio e do século XX para o século XXI, Duby estudou e comparou os medos da Idade Média com os medos do 3.º milénio e sistematizou-os em cinco tipos. Recordemos alguns:

- O medo da miséria, que está sempre presente dada a vulnerabilidade do ser humano e a possibilidade de o futuro poder trazer pobreza para todos. A pos-

rtual, mantendo algumas inte-
pessoais e sociais, obrigando,
entre as pessoas e ao confina-
de interação, de intervenção. As
sível estimularam a ciência e a
s, gel desinfetante, zaragatoas,
saúde, elementos até aqui ina-
iversos espaços, públicos e pri-
po recorde, à disposição dos
massivas, quer comportamen-
vacinação, ou continuaram a

de socialização e de mediação
e mudança, face ao risco que o
extos da pandemia COVID-19
rmas de convivência(s) e que,
sobrevivência(s), como vere-

m fenómeno que a todos toca,
el Mauss (1968), uma vez que
obre o quotidiano de todos. A
o SARS-CoV-2, que provoca o
iais, não é apenas uma ques-
significa que atinge todas as
, mas também as dimensões
ciológicas, educacionais, dos
e conhecer experiências dos
omo vive(ra)m, convive(ra)m
artilha de conhecimentos.

a, psíquica (por isso global,
sociais de que fala Georges
X para o século XXI, DUBY
s medos do 3.º milénio e sis-

da a vulnerabilidade do ser
r pobreza para todos. A pos-

sibilidade e eventualidade da pobreza, neste mundo incerto, está sempre em espera;

- O medo do outro, ou o que, modernamente, se designa de xenofobia e que acontece por etnocentrismo e desconhecimento do diferente, seja porque fala outra língua, seja porque é nómada, seja porque veste de maneira diferente ou, simplesmente, porque surge como estranho e uma ameaça à identidade cultural monolítica;
- O medo das epidemias, que na Idade Média remetia para a peste negra, para a lepra, etc., e que, na contemporaneidade, pese embora alguma segurança conferida pela ciência moderna, ocorreu com a SIDA nos anos 80 e 90 e, presentemente, com a COVID-19. Mas o Ocidente não se pode esquecer da ébola e/ou da malária ou paludismo e outras que, por atingirem mais os países subdesenvolvidos, são menos debatidas e são menos preocupação do mundo ocidental, revelando um certo egoísmo dos mais fortes.

É tempo de pensarmos a Humanidade como um todo. As pandemias também a isso obrigam. Neste caso concreto, estamos perante um exemplo de como a globalização e a compressão do espaço e do tempo, como se de uma aldeia global se tratasse (McLuhan, 1962), aumentam o medo e o risco da disseminação de vírus e de doenças desconhecidas, constituindo um dos aspetos mais nefastos da globalização. Os migrantes e todos os movimentos populacionais são vistos como transporte deste medo, causando insegurança ontológica (Vieira & Trindade, 2008) e, mesmo, riscos sanitários.

Presentemente, podemos dizer que há alguns paralelos com a COVID-19, que surge como uma doença nova que causa insegurança, medo e uma certa exclusão, consciente ou inconsciente, na medida em que os casos nem sempre são divulgados, talvez com receio da estigmatização. O COVID-19 coloca-nos perante a concretização mais evidente do que Ulrich Beck (1992) antecipou para o que designou de «sociedade de risco». O vírus causador da doença surgiu num local específico, mas rapidamente se tornou um problema global e uma ameaça para todos os humanos, em consequência da compressão dos eixos espaço-temporais e das migrações internacionais e também regionais. Para todos, mesmo: para o Oriente, para o Ocidente, para ricos, para pobres, para homens, para mulheres, idosos e até jovens e crianças.

De acordo com Beck (2008), os riscos são consequências do desenvolvimento científico e industrial e não podem ser confinados no espaço e no tempo. A sociedade moderna surge, assim, como uma sociedade de risco generalizado/globalizado. Os riscos apresentam-se-nos, deste modo, como sendo sempre locais e globais. Como nos ensinou Giddens (2000), uma fogueira no meu quintal é sempre

uma fogueira no nosso planeta. Urge, assim, mais do que nunca, pensar globalmente para agir localmente ou, recordando Robertson (1992), é fundamental ter um pensamento e uma ação locais.

Retomando Anthony Giddens (2000), uma sociedade de risco é uma sociedade cada vez mais preocupada com o futuro, o que implica preocupações com a segurança face aos novos riscos emergentes.

Este livro encontra-se dividido em 15 capítulos.

No capítulo 1 – *Pensar global, agir local em contexto de sindemia: o caso do Instituto Politécnico de Leiria* –, José Carlos Rodrigues Gomes começa por perspetivar os conceitos de saúde e doença, focando-se depois mais especificamente na saúde mental enquanto recurso individual que reforça «a capacidade do indivíduo de contribuir para as comunidades locais, sociedade e diversas redes sociais em que se insere». Revisitando, na sequência, os conceitos de pandemia e endemia, alicerça-se em seguida na conceção de sindemia (ou crise pandémica) e termina com uma breve análise das respostas e aprendizagens do Politécnico de Leiria relativamente à mesma.

No capítulo 2 – *Reinventar o SNS em contexto de pandemia – vivências com responsabilidade de coordenação nos Cuidados de Saúde Primários* –, Marco das Neves relata as mudanças no seu quotidiano enquanto enfermeiro em tempos de pandemia COVID-19 e enquanto responsável, entre outras valências, pelo Serviço de Atendimento dedicado ao COVID e pela estratégia de vacinação em todo o ACES Pinhal Litoral. Aliando a dimensão profissional à dimensão pessoal, o seu relato descreve em pormenor as fases deste «combate à pandemia» travado pelos profissionais de saúde, as estratégias e medidas que foram sendo adotadas e os desafios com que se confrontou/confrontaram nesse processo de «reinvenção» do SNS neste contexto.

Ana Piedade reflete, no capítulo 3 – *Periferias e proximidades em tempos de COVID: espaço(s), corpo(s), quotidiano(s) e máquinas* –, sobre como a pandemia veio alterar o modo como técnicos, docentes e investigadores continuaram a participar em eventos científicos e ações de formação, através de plataformas digitais, encarando as novas tecnologias «como aliadas, um recurso prestimoso e incontornável». Aborda ainda a forma como, neste âmbito, os que vivem com maiores dificuldades – económica e socialmente excluídos e/ou sem computadores e/ou residentes em zonas remotas e (semi)periféricas, que possuem uma deficiente cobertura de rede, etc. – foram, ou não, conseguindo ultrapassá-las, «de modo a dar continuidade à sua capacitação».

O capítulo 4 – *Pierre Tap e a intemporalidade intelectual: reflexões sobre a pandemia de COVID-19* – tem por base uma entrevista realizada por Rui Santos

o que nunca, pensar global-
n (1992), é fundamental ter
ade de risco é uma sociedade
a preocupações com a segu-

exto de sindemia: o caso do
es Gomes começa por pers-
epois mais especificamente
orça «a capacidade do indi-
lade e diversas redes sociais
ceitos de pandemia e ende-
(ou crise pandémica) e ter-
lizagens do Politécnico de

pandemia – vivências com
úde Primários –, Marco das
o enfermeiro em tempos de
tras valências, pelo Serviço
ia de vacinação em todo o
l à dimensão pessoal, o seu
à pandemia» travado pelos
foram sendo adotadas e os
rocesso de «reinvenção» do

proximidades em tempos de
s –, sobre como a pandemia
adores continuaram a par-
vés de plataformas digitais,
curso prestimoso e incon-
os que vivem com maiores
ou sem computadores e/ou
e possuem uma deficiente
ultrapassá-las, «de modo a

electual: reflexões sobre a
a realizada por Rui Santos

a Pierre Tap, Professor Emérito da Universidade de Toulouse, autor de diversas obras de referência mundial, com o objetivo de compreender as suas vivências e reflexões em tempos de pandemia. Nesta entrevista aberta exploram-se cinco temas orientadores: a vivência do confinamento; alguns paralelismos entre a pandemia COVID-19 e outras doenças do passado; as marcas que a pandemia deixará na sociedade; a origem do coronavírus SARS-CoV-2, responsável pela doença COVID-19; e a relação entre a doença, a vida e a morte.

Écio Antônio Portes tece, no capítulo 5 – *Notas sobre algumas reflexões em tempos pandêmicos* –, diversas considerações sobre os tempos de pandemia, estabelecendo, em paralelo, «algumas ligações, necessárias, sobre temas como pedagogia, pandemia, Estado, educação, desigualdades e didiscência». Atentando nos discursos mediático e político, revela ainda as suas perceções acerca da educação escolar no Brasil e das desigualdades exponenciadas por via das condições impostas pela pandemia, quer a partir da sua área de formação e de atuação como docente e investigador, quer, também, com base nas suas vivências «como um cidadão comum que lê o mundo conturbado à sua volta».

No capítulo 6 – *Práticas digitais e mediação em contexto de pandemia: um estudo de caso numa escola* –, Ana Carla Ferreira e Pedro Silva apresentam os resultados de um estudo de caso em que se investigaram as novas práticas de mediação digital adotadas numa escola quando a pandemia COVID-19 e respetivos períodos de confinamento implicaram a implementação da modalidade de ensino à distância com recurso a metodologias *e-learning*, *b-learning* e *m-learning*. Tendo em consideração a diversidade sociocultural de alunos e famílias, estas práticas tiveram como intuito fundamental garantir a continuidade da relação entre alunos, professores e famílias, com o correspondente sucesso dos discentes, quer em termos educativos quer quanto à sua plena integração social.

Ana Salomé de Jesus, Ricardo Pocinho, Cristóvão Margarido e Eva María Torrecilla Sánchez discutem, no capítulo 7 – *Confinamento e ensino à distância – impacto emocional nos professores* –, as solicitações com que os professores se depararam aquando do confinamento e com a implementação do ensino à distância, no sentido de dar resposta, não só às exigências académicas, mas a todas as questões que exigiram uma adaptação à nova realidade, bem como uma reorganização pessoal e profissional num curto espaço de tempo. Avaliam, ainda, o impacto emocional destas alterações nos docentes e as estratégias de resiliência adotadas, focando em particular a utilização de práticas de *Mindfulness*.

No capítulo 8 – *Aprender, sentir e ser durante a pandemia* –, Eliana Vieira apresenta-nos um testemunho baseado nas vivências, convivências e sobrevivências de professores e alunos durante a pandemia, e consequentes períodos de confinamento, no agrupamento de escolas onde leciona, analisando três eixos elemen-

tares: aprender, sentir e ser. Partindo de «uma interpretação pessoal das verbalizações, ações e reações dos envolvidos neste contexto geográfico e social» específico, este estudo de caso analisa percepções de alunos e professores e repercussões no que concerne à reinvenção do papel da escola e dos seus agentes, tanto em termos tecnológicos como ao nível da comunicação e interação.

Ana Maria Vieira, no capítulo 9 – *Etnobiografia de um estudante Erasmus em tempos de pandemia COVID-19* –, expõe fragmentos da vida de um estudante de licenciatura saído de Portugal para fazer *Erasmus* numa universidade italiana e que, constringido pelos tempos de pandemia, cria e passa a cumprir novas rotinas e «novos rituais» como forma de (sobre)viver, de afrontar a solidão e de encontrar «pontos de fuga» e alternativas para a realização pessoal. Esta etnobiografia ilustra «como um caso biográfico particular pode conter uma dimensão social», assim revelando também como uma parte da sociedade viveu, conviveu e sobreviveu num espaço e num tempo de reclusão.

No capítulo 10 – *O idoso institucionalizado e as respostas à COVID-19* –, Isabel Ferreira, Luísa Carvalho e Sandra Fernandes apresentam e discutem algumas das respostas de uma Estrutura Residencial Para Idosos (ERPI) situada num concelho do Alentejo aos constrangimentos causados pela pandemia. Neste contexto, e atendendo aos desafios colocados às diferentes esferas de intervenção, as dinâmicas encetadas por via de um trabalho ativo e de caráter colaborativo entre os utentes evidenciaram a importância da animação como forma de «promover a interação entre os utentes e entre estes, familiares próximos e comunidade», na tentativa de «quebrar algumas das barreiras impostas pela pandemia» e assim contribuir para minimizar os impactos do isolamento nos idosos institucionalizados.

Ricardo Vieira narra, no capítulo 11 – *Não te molhes, vê se não apanhas o vírus... Depois quem trata de mim?* –, as vivências, formas de convivência e de sobrevivência experienciadas por um idoso institucionalizado, e pela sua família, durante a pandemia COVID-19. O maior isolamento, a que se juntou a ausência do filho nas visitas de fim de semana, contribuiu para o agravamento das suas dificuldades de audição. A «estratégia compensatória» descrita passou por apresentar-lhe palavras-chave (via computador-recetor, no caso da videoconferência, e, mais tarde, já pelo vidro) «que lhe faziam sentido e o permitiam entender e desenvolver alguma conversa», ainda que nem assim lhe tenha sido possível compreender verdadeiramente a razão de todas aquelas mudanças a que o combate ao COVID-19 obrigou.

No capítulo 12 – *As percepções das relações de trabalho no contexto da pandemia em um serviço de reabilitação de pessoas com deficiência* –, Karla Dias Tomazella, Ana Paula Ribeiro Hirakawa, Tamires Santana dos Reis e Amanda da Conceição Teodósio relatam-nos uma experiência que traduz a percepção dos pro-

pretação pessoal das verbalizações geográficas e sociais» específicas dos professores e repercussões dos seus agentes, tanto em interação.

Um estudante Erasmus em a vida de um estudante de uma universidade italiana e passa a cumprir novas rotinas de fronteira e de encontro pessoal. Esta etnobiografia tem uma dimensão social», de viveu, conviveu e sobre-

Postas à COVID-19 –, Isabel am e discutem algumas das (ERPI) situada num contexto de pandemia. Neste contexto, de intervenção, as dinâmicas colaborativas entre os utentes de «promover a interação e comunidade», na tentativa de lidar com a pandemia» e assim conhecidos institucionalizados. *Elas, vê se não apanhas* o formas de convivência e de trabalho, e pela sua família, a que se juntou a ausência a o agravamento das suas descritas passou por apreensão da videoconferência, e o permitiam entender e e tenha sido possível com- mudanças a que o combate

Trabalho no contexto da pandemia de deficiência –, Karla Dias e Amanda da raduz a percepção dos pro-

fissionais de um serviço de reabilitação de pessoas com deficiência na cidade de São Paulo, Brasil, durante o contexto da pandemia de COVID-19, relativamente aos seus processos de trabalho e às suas relações profissionais, com as necessárias modificações e/ou adaptações durante este período. Por recurso ao método narrativo, quatro destes profissionais expõem «um novo olhar para o seu trabalho», revelador de novas vivências, sentimentos e sensações.

O Presidente da Associação de Futebol de Leiria, Manuel Mendes Nunes, debate, no capítulo 13 – *O impacto da pandemia do COVID-19 na prática do futebol no âmbito dos Clubes da AF Leiria: medidas para a retoma da atividade* –, o impacto socioeconómico e desportivo da pandemia no regular funcionamento dos clubes da Associação de Futebol de Leiria, atendendo aos numerosos fatores que devem ser tidos em consideração quando se analisam as perturbações causadas pela pandemia no desporto em Portugal. Apresenta ainda as estratégias adotadas pela referida Associação para «fazer face aos constrangimentos brutais impostos pela interrupção das suas atividades» e as medidas implementadas para a retoma das mesmas.

No capítulo 14 – *Pandemia, teletrabalho subordinado e a revisão do Código de Trabalho* –, Mário Simões Barata e António Luís Bentes de Oliveira, realçando o profundo impacto da pandemia nas relações laborais, analisam alguns preceitos do ordenamento jurídico-laboral cuja redação não respondeu às múltiplas questões suscitadas pela crise sanitária, designadamente no que diz respeito ao regime jurídico do teletrabalho subordinado e à insuficiente regulamentação legal referente a este contrato de trabalho, que a pandemia veio expor. A sua necessidade de ajuste ao mundo pós-COVID-19 e a também «necessária revisão de alguns aspetos» deverão, no entender dos autores, ser alvo de monitorização «por forma a infirmar ou confirmar (...) os traços agora consagrados pela Lei» e a «esboçar melhorias neste tipo de contrato de trabalho especial, paradigmático e representativo deste milénio».

Por fim, no capítulo 15 – *(Con)vivências e sobrevivências: o humor nos media sociais em contexto de pandemia – contributos para uma abordagem sociológica* –, Marcos Olímpio Santos e Maria da Saudade Baltazar, destacando o humor «como uma (con)vivência que exprime uma certa romantização da pandemia», em contraponto aos efeitos gravosos da mesma, e teoricamente enquadrados na perspetiva da Sociologia Analítica, analisam uma amostra intencional de manifestações humorísticas (transmitidas através de memes, menes, canções e anedotas) que, ao longo da pandemia, foram a «face visível» de vivências, de teor diversificado, expressas nas páginas de *media* sociais, designadamente o *Facebook*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECK, U. (1992). *Risk society: Towards a new modernity*. SAGE.
- BECK, U. (2008). *World at risk*. Polity Press.
- DUBY, G. (1997). *Ano 1000, ano 2000: No rasto dos nossos medos*. Teorema.
- GIDDENS, A. (2000). *O mundo na era da globalização*. Editorial Presença.
- MAUSS, M. (1968). *Sociologie et anthropologie*. PUF.
- McLUHAN, M. (1962). *The Gutenberg galaxy: The making of typographic man*. University of Toronto Press.
- ROBERTSON, R. (1992). *Social theory and global culture*. Sage Publications Ltd.
- VIEIRA, R., & TRINDADE, J. (2008). Migration, culture and identity in Portugal. *Language and Intercultural Communication*, 8(1), 36-49. https://www.researchgate.net/publication/271793720_Migration_Culture_and_Identity_in_Portugal

A problemática da COVID-19 remete, pois, para um fenómeno que a todos toca, um Fenómeno Social Total, como nos ensinou Marcel Mauss, uma vez que atravessa e abala toda a sociedade e que impactou sobre o quotidiano de todos. A pandemia que atravessamos, a do contágio devido ao SARS-CoV-2, que provoca o COVID-19 e suas múltiplas implicações médico-sociais, não é apenas uma questão de saúde. Ela tem impactos sociais globais, o que significa que atinge todas as áreas do social e não apenas a dimensão biomédica, mas também as dimensões políticas, económicas, psicológicas, antropológicas, sociológicas, educacionais, dos direitos humanos, e toda a intervenção social. Ouvir e conhecer experiências dos mais variados campos da sociedade sobre os modos como vive(ra)m, convive(ra)m e muitos sobrevive(ra)m é fundamental enquanto partilha de conhecimentos e é um dos objetivos centrais desta obra.

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

